

RECADO DE PARIS

Paris, abril — "Quien supiera escribir!" dizia a pobre camponesa apaixonada de Campoamor. Quem soubesse pintar! Escrever, não adianta nada escrever; escrevendo não se pode contar as coisas. Acho comoventes esses pintores que vou encontrando na subida de Montmartre.

Com exceção de um rapazinho inglês que está a um canto da Place du Tertre, todos me parecem pintar muito mal; e mesmo o rapazinho, em cujo silêncio e em cujos olhos há uma tensão apaixonada — ele não chegará a fazer um bom quadro.

Mas todos pintam, rodeados de curiosos, todos querem absorver a doçura radiosa desse dia de primavera que nos tonteia tanto quanto o vinho do almoço. Um vinho branco e muito seco, louro como a luz desta manhã, que acompanhou a lagosta que nos serviram nesse restaurante modesto e alegre, cujo dono duas vezes por semana junta mesas imensas para servir, como clientes de honra, os moleques do bairro, e nos fala com bom humor de seu passado de pintor fracassado, e sorri quando sua sobrinha, que nos serve à mesa, pede licença para aceitar nosso convite para que se sente e tome um licor.

Mas temos saudade do sol, das árvores de folhas novas, da brisa que balança ramos em flor. Não importa que Montmartre seja uma contrafacção de si mesma, toda arrumada para o turismo, e que todos tenhamos um ar vagamente paierma parando diante dos sobradinhos que a velhice faz barrigudos e que, pintados de novo, assumem um ar de velhas corócas a exhibir suas graças antigas. A beleza continua, esses sobrados que talvez tenham sido brancos e foram patinados pelas chuvas de dois séculos, essas ruas estreitas, lindas e cordiais — e até o mau gosto pomposo da basílica do Sacré Coeur, e esse ônibus novo e imenso vindo da Bélgica, cheio de turistas de óculos — tão feios! tão feias! — tudo isso é abençoado pela beleza do sábado. E há cantos esquecidos com humildes calzinhas entre o capim de um verde novo; há, às vezes, uma doçura de roça antiga — e de súbito, entre telhados cheios de pequeninas chaminés de barro, a gente domina a cidade imensa que se estende azul e parece vagamente se mover na distância, bela e pura como o oceano.

1945

R. B.